

OPINIÃO

O caminho para a geração de valor no mercado de meios de pagamento

Lais Carnival (\*)

O que você faz com suas ideias? Guarda-as para si com o objetivo de desenvolvê-las em um momento certo ou, ao contrário, prefere dividir com outras pessoas?

Para muitos líderes corporativos do passado, essa pergunta tem uma só resposta possível – esconder as ideias, sempre. Mas o tempo mudou e, ao que tudo indica, a resposta para essa pergunta também. Em uma sociedade marcada pela colaboração e informação constante, está cada vez mais claro que imaginar algo verdadeiramente novo se transformou em uma possibilidade bastante improvável.

Mesmo que você encontre um insight brilhante, o fato é que estamos trocando ideias o tempo todo – e isso precisa ser levado em consideração também quando o assunto é inovação. Para as empresas, isso significa uma mudança de paradigma. Ao invés de concentrar todos os esforços de desenvolvimento “dentro de casa”, os líderes do mundo corporativo estão identificando, de uma forma cada vez mais rápida, que o segredo do sucesso é olhar para fora em busca de novidades e informações que façam real sentido para seus planos de inovação.

Essa forma de ver é o que tem feito com que o conceito de Open Innovation (inovação aberta) tenha ganhado espaço no mercado global, apresentando um novo ponto de vista para a geração de ideias dentro das organizações. De acordo com pesquisas da 100 Open Startups, plataforma que conecta startups e empresas dos mais variados setores, o número de companhias que vêm adotando modelos de trabalho abertos tem aumentado sempre acima dos 20% nos últimos anos.

De forma prática, o Open Innovation permite que o conhecimento circule, transformando a inovação em um ativo que vai além das fronteiras de um único negócio. É nesse sentido que as parcerias entre startups, grandes operações e associações ligadas ao público estão redefinindo os parâmetros de transformação para, de fato, tornar o mundo um lugar melhor.

Como exemplo, posso citar o trabalho que temos realizado no mercado de meios de pagamento. É inegável que esse mercado está mudando rapidamente com a aceleração das tecnologias digitais e que, inclusive, o processo de pagamento está ocupando novos sentidos na vida das pessoas. Hoje, mais de 60% dos brasileiros já recorrem a modelos eletrônicos como opção número um para pagar suas compras – e, a partir desse ponto, organi-

zar suas contas via smartphone, computador etc. Essa realidade sem dúvida gera grandes oportunidades para esse setor no futuro.

Mas será que uma companhia sozinha seria capaz de adivinhar e definir qual será o futuro? Evidentemente que não. É preciso ampliar o horizonte e estar atento para identificar as novidades que serão mais interessantes e eficazes – e é nesse sentido que os programas de Inovação Aberta representam um poderoso aliado. Ao investir nessas ações, estamos criando uma aproximação estratégica entre todos os interessados nesse ecossistema em ascensão no mundo inteiro, garantindo colaboração real para maximizar as iniciativas e gerar impacto positivo na vida das pessoas.

É importante destacar, porém, que as startups têm um papel crucial nesse processo, reforçando a agilidade, dinâmica e assertividade nas ações, com foco real no que é verdadeiramente útil para o desenvolvimento e para o usuário. O objetivo é cruzar a experiência das grandes companhias e a dinâmica questionadora dos novos empreendimentos para, assim, sermos capazes de oferecer a transformação desejada pelos consumidores.

A aproximação dos diferentes players faz com que as informações e ideias sejam mais discutidas, aprimoradas e que gerem conexões de valor. Embora a propriedade intelectual seja um tema que siga relevante, guardar uma ideia no bolso não gerará nenhum retorno – e é preciso considerar isso, também. Criar soluções em conjunto é uma forma mais inteligente e inovadora de resolver grandes problemas do mercado e da sociedade.

Para que novos e melhores meios de pagamentos cheguem até a sociedade, é necessário que haja interesse em se ouvir as pessoas, conversando de forma franca com todos os agentes envolvidos nesse processo. Sobretudo agora, em tempos tão imprevisíveis como o gerado pela pandemia da Covid-19, é crucial que nos perguntemos como podemos gerar experiências de pagamento positivas para cada cliente espalhado pelo Brasil e o mundo.

Não há dúvida de que essa é a grande questão que deve permear a indústria. É por isso que a inovação aberta precisa fazer parte de nossa agenda o quanto antes. Somente com o diálogo franco e honesto é que poderemos inovar de verdade, garantindo o desenvolvimento de soluções contemporâneas, tecnológicas e focadas na experiência dos usuários e importantes para todos nós.

(\*) É Gerente Sênior de Inovação da Worldline (https://worldline.com/)

Solar Roadway – uma tentativa de aproveitar a energia solar

São claros os esforços no sentido de que novas tecnologias ligadas à energia solar sejam desenvolvidas; o mundo tenta livrar-se dos combustíveis fósseis e dos danos que trazem ao meio ambiente.

Vivaldo J. Breternitz (\*)

Nessalinha, a cidade de Peachtree Corners, no estado americano da Geórgia, colocou em funcionamento o que chamou de “solar roadway”: trata-se de um trecho de rua pavimentado com painéis solares, que captam a luz do sol com o objetivo de transformá-la em energia elétrica, a ser utilizada inicialmente para o abastecimento de veículos elétricos.

É a primeira instalação do tipo nos Estados Unidos, ainda em fase de testes. Os painéis, da marca Wattway são fornecidos por uma empresa francesa, o grupo Colas, que atua na área de pavimentação e está desenvolvendo projetos semelhantes em várias partes do mundo. Por se tratar de testes, apenas um trecho de rua recebeu os painéis; por esse trecho, apenas veículos elétricos podem trafegar.

A instalação da “solar roadway” faz parte dos esforços que Peachtree



Corners tem desenvolvido no sentido de consolidar-se como uma cidade inteligente. Tão ou mais importante que os resultados práticos do projeto é a conscientização da população quanto à importância da busca de fontes limpas de energia.

Quem sabe em um futuro não muito

(\*) É Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor da Faculdade de Computação e Informática da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A corrida pelo “Windows” do automóvel

Florian Scheibmayr (\*)

O Grupo Volkswagen, maior grupo automobilístico, acaba de anunciar que vai investir 27 bilhões de euros em software, o que representa mais do que 1/3 do seu orçamento de investimento em novas tecnologias durante os próximos cinco anos.

Já é considerado fato consumado que a nova liderança no setor automobilístico será de quem desenvolve o melhor sistema operacional para automóveis, e não mais quem desenvolve o motor mais potente.

Apresente corrida de quem consegue estabelecer um novo padrão para um sistema operacional, igual a Microsoft alcançou com seu sistema operacional para os PCs ou Google/Android e Apples/iOS para um mundo móvel.

Evidentemente, este novo sistema operacional precisa ser capaz de ir além de lidar com os requisitos técnicos atuais, como acionando os controles para funcionamento do carro, fornecer funcionalidades para a navegação, segurança e incorporar as demandas do carro elétrico, como também antecipar os princípios para o carro completamente autônomo daqui a alguns anos. Essa evolução requer do setor automotivo e seus departamentos de engenharia uma disrupção na concepção e construção de carros. Desenvolver software e peças mecânicas são disciplinas distintas. Lead-times como os de cinco a sete anos, dos primeiros desenhos até o produto final de um novo carro, são impensáveis.



Florian Scheibmayr

Os princípios do DevOps e Continuous Delivery serão os novos determinantes do supply chain automobilístico, ironicamente pouco tempo depois das software houses aprenderem os princípios de Lean Production, Kanban e Controles de Qualidade com a manufatura do setor automobilístico como o da Toyota. Há ainda muito espaço para melhorias, porque, evidentemente, para este novo sistema operacional dos automóveis terão outras exigências do que para os aplicativos dos computadores pessoais, pois os mesmo padrões rígidos como Six Sigma não serão mais suficientes, já que ninguém vai arriscar um “reboot” do sistema operacional do seu automóvel a 200 km/h.

A camada Fog Computing, como é

chamada a camada intermediária quando há necessidade de mais processamento nos equipamentos Edge – quando, por exemplo, os sensores IoT’s não conseguem executar, pois a latência inviabiliza processamento na Cloud-, precisa ser melhor explorada e fortalecida.

Assim que superar os desafios tecnológicos e dos determinantes do novo supply chain digital, esse novo carro deverá viabilizar novos modelos de negócio. Por exemplo: poderá receber um adicional de 60 CV potência on-flight na renovação do contrato, via Software Update. Os carros-base não serão mais predominantemente adquiridos, mas, sim, alugados, compartilhados ou até envolvidos em transações do tipo comodato. Já os próprios sistemas operacionais seguirão os modelos via assinatura, onde features podem ser habilitados ou desabilitados via chamada remota.

O hype da ação da Tesla demonstra que os investidores acreditam que ela é a empresa que melhor entendeu este novo mundo automobilístico, seja pelos seus carros, ou seja pela necessidade de uma infraestrutura, como uma rede de reabastecimento elétrico. O anúncio do gigantesco investimento da Volkswagen comprova que a empresa entendeu o recado e está prestes a reagir. Se o mundo vai experimentar um novo normal, o setor automobilístico terá um novo normal em dose dupla.

(\*) É Consultor da TGT Consult, empresa brasileira de pesquisa e consultoria em tecnologia.

News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Pós-graduação em Ciência dos Materiais da UFSCar recebe inscrições para seleção

O Programa de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais (PPGCM-So) do Campus Sorocaba da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) está com inscrições abertas no processo seletivo para o preenchimento das vagas destinadas a estudantes com dedicação integral às atividades dos cursos de mestrado e doutorado, com ingresso no primeiro semestre de 2021. Ao todo, são oferecidas 15 vagas para o curso de mestrado e sete para o doutorado (www.ppgcm.ufscar.br).

ART IT firma parceria com a plataforma de integração WSO2

A ART IT - especializada em transformar negócios em experiências digitais – acaba de firmar uma parceria com a WSO2, uma plataforma de integração de APIs, aplicações e webservices locais ou pela internet de alta confiabilidade e produtividade. A plataforma garante simplicidade de uso e melhor retorno sobre o investimento, com estrutura completa para desenvolver, reutilizar, executar e gerenciar as integrações. Construído em código-fonte totalmente aberto, WSO2 possui uma série de componentes que

podem ser usados separadamente ou em conjunto como uma plataforma coesa e ágil. Ela permite a utilização de software open source, garantindo maior conhecimento e controle da ferramenta e diminuição dos custos, simplificação da gestão da eficiência, escalabilidade e atendimento dos requisitos de segurança, melhor custo, confiabilidade, suporte e principalmente customização, comparado aos outros produtos, e integração simplificada, permitindo fácil evolução dos serviços (http://www.artit.com.br/).

Ingram Micro Brasil fecha acordo com a Forcepoint

A Ingram Micro Brasil, subsidiária da maior distribuidora global de TI, anuncia o início da distribuição das soluções da Forcepoint, em especial as tecnologias de SD-Wan empresarial, como a NGFW Next Generation Firewall, e as de segurança, como a Data Loss Prevention, Complete Cloud App Security e Security Web Gateway. “As vendas parceiras terão à disposição metodologias diferenciadas por meio de um fornecedor representativo dentro de segmentos de Secure Access Service Edge (SASE), Cloud First Hybrid Ready, Human Centric Cyber Security e SASE/CSG, que é a Forcepoint”, afirma Alexandre Nakano, diretor de segurança e network da Ingram Micro Brasil.